

ojs.uv.es/index.php/qfilologia/index

Rebut: 20.06.2020. **Acceptat:** 27.07.2020

Per a citar aquest article: Gonçalves, Maria Filomena. 2020. “Gramática escolar e ‘gramática popular’ no último quartel do século XIX: subsídios para uma historiografia do ensino da língua portuguesa”. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics* XXV: 29-41.

doi: 10.7203/QF.25.19066



Gramática escolar e “gramática popular” no último quartel do século XIX: subsídios para uma historiografia do ensino da língua portuguesa

College Grammars and Popular Grammars in the Last Quarter of the 19th Century: a Historiographical Aid for Teaching Portuguese

MARIA FILOMENA GONÇALVES
Universidade de Évora¹
mfg@uevora.pt

Resumo: Nas últimas décadas, tem vindo a ser compulsado o “corpus fundamental” das obras gramaticais. Apesar disso, não são poucos os textos relegados para uma “historiografia menor” da gramática portuguesa. A partir de um “estado da questão” sobre a gramática escolar no último quartel do século XIX, neste artigo analisam-se duas “gramáticas populares” (1871, 1882) como textos metalinguísticos que apresentam características estruturais, conceptuais, terminológicas e discursivas sintonizadas com o objectivo de levar ao grande público um conhecimento acessível e atualizado.

Palavras chave: gramática popular; gramática escolar; português; língua materna.

Abstract: In these last decades, scholars have been examining the “fundamental corpus” of grammar publications. As a result, quite a few texts that concentrated on a “minor historiography” of the Portuguese grammar were produced. Using as a springboard a discussion on the “state of the art” on college grammars in the last quarter of the 19th century, in this paper we pay particular attention to two “gramáticas populares” since they are metalinguistic texts with structural, conceptual, terminological, and discursive characteristics that aim at reaching a wider public, thus providing an accessible and actualized knowledge.

Keywords: college grammar; “gramática popular”; Portuguese; native language.

¹ ECS-DLL. CIDEHUS-UÉ/FCT/ PROJETO UIDB/00057/2020.

1. Preâmbulo

Neste trabalho tratar-se-á das “gramáticas populares”, denominação aqui atribuída às obras que, publicadas em coleções voltadas para a vulgarização do conhecimento, se destinavam às classes sociais menos escolarizadas ou menos letradas. Dadas as suas características, a “gramática popular” inclui-se na “gramática escolar” (Gonçalves, 2012); contudo, por se integrar num projeto editorial com objetivos próprios e por obedecer aos requisitos de uma coleção, a “gramática popular” deve ser encarada à luz do seu particular contexto de produção. Assim, o propósito deste estudo é duplo: por um lado, trazer para o âmbito historiográfico algumas gramáticas desse género, pois nem todas constam do repertório da tradição gramatical (Cardoso, 1994) ou são mencionadas nos estudos da gramatografia de Oitocentos (Santos, 2010); por outro lado, contextualizar essas obras em função das coleções em que se incluem e da produção escolar daquele período.

2. O contexto de produção das gramáticas populares

Nas últimas décadas do século XIX registou-se, em Portugal, um movimento editorial que, além de responder a um mercado do livro em expansão, visava promover o acesso das classes menos letradas à instrução básica, à cultura e à ciência, contribuindo não só para alterar as estatísticas do analfabetismo no país – cerca da 90 % da população era analfabeta nos inícios do século – mas também para a circulação, vulgarização e democratização do conhecimento (humanístico, científico e técnico) que até então, devido a fatores sociais, económicos, culturais e educativos, apenas eram acessíveis a uma elite intelectual ou a pessoas instruídas, tanto mais que a maioria dos portugueses não tinha domínio das operações básicas da literacia – ler, escrever e contar (Boto, 2012).

Graças às reformas liberais do ensino e à liberdade de expressão, por um lado, e, por outro, às ideias positivistas, no mesmo período ganha impulso o movimento de vulgarização cultural e de “propaganda da educação” (Ribeiro, 1999: 190-191), que irá plasmar-se em iniciativas como a criação de bibliotecas populares, a partir de 1870, e o aparecimento de publicações para instruir “todas as classes” e “todas as inteligências” (*Gramm. Port.*, 1871). Este processo, que na verdade se vinha desenhando desde os meados do século XIX, será mais evidente no último quartel da centúria, altura em que editores, livreiros e intelectuais abraçaram a causa da instrução popular como meio para “modernizar a sociedade portuguesa, a partir de dentro, para construir uma civilização burguesa, erguer um povo de cidadãos” (Domingos, 1985: 15). Para cativar as

franjas menos escolarizadas da sociedade de então, surgem coleções populares, em pequeno formato, de fácil leitura, com livros mais baratos (50 ou 100 reais) e repertórios temáticos abrangentes e atrativos: a *Bibliotheca Popular* e a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*². Dado o diversificado espectro de conhecimentos literários, técnicos, científicos e práticos compilados nestas coleções populares, que as torna fontes imprescindíveis para a história da divulgação da ciência e da cultura em Portugal, é surpreendente que a inclusão de gramáticas nas referidas coleções não tenha ainda merecido a atenção dos historiógrafos da gramática portuguesa.

3. A *Grammatica Portugueza* nas coleções populares



Imagem 1. Portadas das gramáticas

Publicada em 1871, a gramática da *Bibliotheca Popular* é um opúsculo com 172 páginas, extensão superior à da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, que veio a lume onze anos depois (*Gramm. Port.*, 1882). Sem prólogo ou nota prévia dedicada ao leitor, ao contrário da obra de 1882, a de 1871 também não apresenta notas de rodapé que aduzam complementos informativos.

No entanto, a *Grammatica portugueza* (1871) contempla uma componente prática (aspeto comum às duas obras) que consiste em fornecer modelos de

² Na esteira de projetos desenvolvidos em outros países (Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos), o editor David Corazzi (1845-1896) criou esta coleção. Em 2019, Bonifácio (2019: 314) mostrou que a *Biblioteca del Popolo*, publicada em Milão desde 1875, serviu de modelo a Corazzi, cuja coleção é o “nosso primeiro episódio de livro popular de massas” (Domingos, 1985: 76).

“analyse grammatical” e “analyse logica” (*Gramm. Port.*, 1871: 105-109), e trechos autorizados (i. e. literários) para servirem de “exercícios grammaticae”³.

Quanto ao conteúdo, o carácter elementar da obra revela-se, desde logo, no índice das matérias, reproduzido no quadro abaixo.

<i>Introdução</i>	
Primeira Parte - Etymologia	Cap. I - Dos nomes e adjectivos - Do nome - Formação do plural dos nomes - Do adjectivo - Gráus de qualificação dos adjectivos - Do artigo - Do pronome Cap. II - Do verbo [...] Cap. III - Da preposição - Do adverbio - Da conjuncção - Da interjeição
Segunda Parte - Syntaxe	Da oração Cap. I - Syntaxe de concordancia - Syntaxe de regencia - Dos complementos - Additamentos ás preposições Cap. II - Da syntaxe regular das orações - Do periodo Cap. III - Da construcção das palavras e orações Cap. IV - Das figuras - Da Syntaxe figurada - Dos vicios da oração - Analyse grammatical - Analyse logica - Modelo de analyse
Terceira Parte - Prosodia	- Da pronuncia - Da accentuação - Da quantidade
Quarta Parte - Orthographia	Cap. I - Da escripturação das palavras - Vogaes e diphongos - Das consoantes - Consoantes dobradas - Uso das letras maiusculas Cap. II - Da pontuação - Modo de usar a pontuação - Da metrificacção portugueza - Varias especies de versos - Varios trechos da lingua portugueza

Quadro I. Matérias contidas na *Grammatica Portugueza* (1871)

³ Por razões de espaço, neste trabalho não se analisam nem os exercícios, nem os trechos autorizados.

Tanto a terminologia como o tratamento das matérias denotam a filiação conservadora desta gramática, num período em que *A Lingua portugueza. Phonologia, Morphologia, Syntaxe* (1868), obra pioneira em que F. Adolfo Coelho já abriera caminho, em Portugal, para o método histórico-comparativo (Gonçalves, 2004), e em que o novo paradigma começara a moldar a gramática escolar (Dias, 1870; Gonçalves, 2013). A estrutura quadripartida – “Etymologia, Syntaxe, Prosodia, Orthographia” – (*Gramm. Port.*, 1871: 5) traduz essa linha conservadora. Não existindo uma nota introdutória que aponte pressupostos ou fontes, a linhagem doutrinal pode ser deduzida a partir dos termos e sua definição, conforme se vê no quadro a seguir.

<i>Grammatica portugueza da Bibliotheca Popular</i>	
Grammatica	<p>é a disciplina que ensina a fallar e a escrever correctamente a Lingua portugueza.</p> <p>A Grammatica divide-se em geral e particular. Em geral trata dos principios geraes e communs a todas as linguas; em particular ensina a fallar e escrever correctamente uma só lingua.</p>
Etymologia	ensina analyticamente a origem e as diversas classes de palavras que constituem uma lingua.
Syntaxe	trata da construcção das palavras com as quaes se compõem as orações, os periodos e o discurso.
Prosodia	ensina a accentuação das syllabas, e a conhecer e distinguir os sons fundamentaes das palavras, para bem as pronunciar.
Orthographia	estabelece as regras para escrever correctamente as palavras, e para usar convenientemente da pontuação.
Linguagem	é o modo porque manifestamos os pensamentos por meio de palavras.
Lingua ou idioma	é a reunião de palavras e phrases que formam a linguagem de uma nação.
Palavra	É a combinação de sons articulados da voz humana.

Quadro 2. Termos e definições na *Grammatica Portugueza* (1871)

Ao distinguir uma “gramática geral” de uma “gramática particular”, o anónimo autor do opúsculo enraíza a doutrina na chamada gramática racionalista, entre nós conhecida como “filosófica”, porquanto aqueles conceitos se ancoram no logicismo de Port-Royal (século xvii) e nos desenvolvimentos que a teoria linguística subjacente à gramática geral conheceu no século seguinte (veja-se Beauzée, 1767). Contudo, nos inícios do século

xvii, antes da gramática de Port-Royal, o português Amaro de Roboredo (1619, 1623) tinha proposto um método universal que representava uma renovação do ideário linguístico subjacente à didática das línguas. Se as noções introdutórias já denunciavam a esteira filosófica em que a pequena *Grammatica Portugueza* (1871) se situava, essa filiação filosófica ainda é mais notória nos capítulos consagrados à “syntaxe de regencia” e à “Construcção das palavras e orações” (*Gramm. Port.*, 1871: 77-94), em particular quando trata dos complementos⁴, porquanto a teoria sintática em torno da frase se elabora e se instrumentaliza, como é bem sabido, ao longo do século xviii (Chevalier, 1979, [1968]2006; Séguin, 1993).

A *Grammatica Portugueza* (1882) saiu no volume 40 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas* e foi elaborada por Xavier da Cunha⁵ (1840-1920), que dirigia a coleção. Foi pensada para um público concreto – os alunos que, concluído o ensino primário, iriam fazer exame de admissão aos liceus – e, por isso, na portada se anuncia que a obra segue as “instrucções regulamentares, aprovadas pela Portaria de 9 de março de 1872 para os exames de admissão nos Lyceus Nacionaes”. É de realçar que o programa do exame incluía matérias que iam do simples conceito de gramática, em linha com a tradição, até a elementos de morfologia e syntaxe, mas também de semântica e estilística (incluídas na “syntaxe figurada”). O programa abrangia, pois, conteúdos de vários âmbitos da tradição gramatical, embora conferisse certa autonomia a aspetos que anteriormente cabiam na syntaxe, como é o caso do ponto concernente ao “sentido: explicação das palavras e frases”, assunto tratado, contudo, na chamada “analyse”. Assim, o Programa de 1872⁶ é manifestamente conservador, visto incluir termos/

⁴ Nos complementos definidos na *Grammatica Portugueza* (1871: 77-78, 95-96) segue Barbosa (“complementos objectivos, terminativos, restrictivos e circumstanciaes”, Barbosa, 1822: 395-396). Quanto à classificação das orações (“principais” e “não principais”) distancia-se daquele gramático: por um lado, refere as copulativas, disjuntivas, adversativas, conclusivas, explicativas, comparativas, correlativas; por outro, as condicionais, causais, concessivas e circumstanciais e, ainda, as incidentes e integrantes.

⁵ Médico por formação, foi também escritor, poeta, bibliógrafo e diretor da Biblioteca Nacional (Aranha, 1911: 31-49).

⁶ Compreendia os seguintes pontos: “I. Definição de grammatica; II. Palavras. Decomposição das palavras. Palavras variaveis e invariaveis; III. Palavras variaveis, 1º Substantivo: proprio, comum e colectivo, 2º Pronome, 3º Adjectivo: qualitativo e determinativo. Numero, género e grau de comparação, 4º Verbo transitivo e intransitivo; regular e irregular, a) Conjugações dos verbos regulares, b) Conjugações dos verbos – ser, Ter, haver, estar, dizer, fazer, poder, pôr, saber, trazer, valer, ir, vir; IV. Palavras invariaveis. Conhecimento práctico das preposições, conjunções, advérbios e interjeições.; V. Discurso, período, e oração, a)

conceitos (“analyse”, “syntaxe regular”, “atributo”) que se vinculam ao modelo genericamente denominado como “gramática filosófica”, a qual assume, no século XIX, uma feição “ideológica” (*idéologie*)⁷.

Por outro lado, o autor do opúsculo declara que o programa foi

ampliado e consideravelmente mais desenvolvido em pontos de capital importância afim de poder também ser proveitosamente consultado pelos alunos que nos Lyceus Nacionaes frequentam o curso de Lingua Portuguesa (*Gramm. Port.*, 1882: *Advertencia*).

O subtítulo da gramática (“redigida ante o programma oficial dos exames d’instrução primaria”) confirma esta “Advertência”, inscrevendo os conteúdos gramaticais no quadro institucional vigente⁸, muito embora depois se note o descompasso entre o modelo praticado e aquele que presidira à Portaria de 1872. Na “prevenção oportuna” com que abre a gramática propriamente dita, o autor enuncia um corte entre a metodologia adotada e a geralmente praticada nas escolas, já que estas privilegiavam a memorização de “definições para inconscientemente decorar” (*Gramm. Port.*, 1882: 1). Para alterar essa prática, o conteúdo do opúsculo deveria ser “meditado e intendido, – nunca para ser materialmente decorado”⁹. Se a “advertência oportuna” prevenia o leitor a respeito do método, nos “Prolegómenos” são apontadas discrepâncias entre as gramáticas daquela

Oração absoluta e orações complementares, b) Elementos da oração: sujeito, verbo, atributo e complementos; VI. Syntaxe regular. Regras principaes de concordancia do sujeito com o verbo, do adjectivo com o substantivo; VII. Analyse, a) Do sentido: explicação das palavras e frase, b) Da Syntaxe, c) Orações absolutas e complementares, d) Elementos da oração: sujeito, verbo, attributo e complementos; VIII. Syntaxe figurada – ellipse e syllepse; IX. Vícios de linguagem” (Dias, 1882: I).

⁷ Cunhado por Destutt de Tracy (1754-1836), o termo “ideologia” colocava a gramática sob a alçada da lógica ou teoria do pensamento.

⁸ O quadro legal para o ensino constava no decreto de 22 de outubro de 1870, no qual, entre outras disposições, se previa a reforma dos liceus, criados em 1836 por Passos Manuel.

⁹Veja-a a crítica a esse método: “systema pedagogico infelizmente vulgarizado em grande numero das nossas aulas de instrução primaria, systema que parece exclusivamente fundado no desejo de tornar idiotas os educandos (estafando-lhes a memoria com o improbo decorar dos compêndios) ou na mira de arvorar igualmente censurável de arvorar em pedantes aquelles cuja intellectualidade mais robusta saiba resistir a tão inquisitorial tormento, outro é o lemma da *Bibliotheca do Povo* e das Escolas. Quem d'elle não gostar, passe adeante” (*Gramm. Port.*, 1882: 1-2).

época¹⁰. As definições expostas nos Prolegómenos revelam as perspetivas confrontadas por Cunha (cf. quadro abaixo).

<i>Grammatica</i> conjunto de leis e preceitos, a que practicamente deve obedecer quem se propõe falar ou escrever bem em erros.
<i>Grammatica comparada ou philosophica</i> - Atendendo a que só pela comparação dos elementos comuns ás diversas línguas poderemos estabelecer e unificar os princípios geraes a que todas obedecem, - conclusão, a que não será licito chegar senão pela sabia aplicação de processos philosophicos, com cujo auxilio, abstrahindo do que é individualmente peculiar em cada idioma, se averiguem apenas os meios geraes de que todos os povos têm lançado mão e feito uso, já para exprimir por palavras seu pensamento, já para graficamente pintá-lo.
<i>Grammatica geral</i> se denomina quando apenas trata dos princípios fundamentaes, comuns a todos os idiomas.
<i>Grammatica particular</i> ocupa-se apenas de nos dar a conhecer as leis, preceitos e idiotismos de uma língua em especial.
<i>Grammatica portugueza</i> - Disciplina que ensina a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza.

Quadro 3. Definições na *Grammatica portugueza* (1882)

Quanto à organização interna da gramática, ainda que sem remeter para obras concretas, o autor traça uma panorâmica dos principais sistemas adotados em gramáticas coetâneas da sua.

¹⁰ Aí pode ler-se: “diversos pontos-de-vista [...] em harmonia com os fins a que especialmente se destina, dentro sempre todavia do seu campo privativo” (*Gramm. Port.*, 1882: 4).

<i>Sistema 1</i>	<i>Sistema 2</i>	<i>Sistema 3</i>
		(auctores moderníssimos, e sem duvida mais filosoficamente inspirados, mais scientificamente dirigidos...) Augusto Ep. da Silva Dias, Adolfo Coelho
<p>- <i>Orthologia</i> (maneira de bem falar)</p> <p>► lexicologia (o exame isolado de cada palavra)</p> <p>► syntaxe (o exame das leis por que têm de governar as palavras no seu conjuncto para exprimirem juízos e formar propozições)</p> <p>- <i>Orthographia</i> (maneira de bem escrever)</p>	<p><i>Etymologia</i></p> <p><i>Syntaxe</i></p> <p><i>Prosodia ou orthoepia</i></p> <p><i>Orthographia</i></p>	<p>Augusto Ep. da Silva Dias:</p> <p>- Fonologia (tratado dos sons) ou phonetica</p> <p>- Morphologia¹¹ (tratado das formas, - que estuda e classifica as diversas partes da oração, investiga as flexões ou accidentes das palavras, e procura na etymologia a formação e derivação das palavras).</p> <p>- Syntaxe (a parte em que se estuda a maneira de combinar entre si as diversas palavras para a correcta expressão das idéas e cabal enunciação dos juízos).</p> <p>Adolfo Coelho (1881): fonologia, morfologia, syntaxe e semiologia. “Essa parte tem que determinar as leis geraes que preside á transformação da significação das palavras (Coelho, 1881).</p>

Quadro 4. Partes de gramática: sistemas

Apesar de o “sistema 2”, tradicional, ser frequente em obras didáticas, o autor opta pela “divisão estabelecida pelo sr. Epiphanio Dias” (sistema 3) – *Phonologia, Morphologia e Syntaxe* –, por se lhe afigurar como “a mais plausível” para uma gramática popular. Este modelo não se traduz, contudo, na economia interna da gramática, uma vez que a syntaxe ocupa apenas 3 das 64 páginas da obra. Por outro lado, o autor anuncia um desenvolvimento especial de certas matérias, mas este nota-se apenas na morfologia, já que a obra devia contemplar os pontos do programa do exame. Embora adote o modelo de Epifânio (possivelmente a 3ª ed. da *Grammatica práctica*, 1880), o autor da *Grammatica Portuguesa* remete para a *Grammatica Philosophica* (Barbosa, 1822)¹², atestando, portanto, uma receção híbrida, numa espécie de enxerto de terminologia nova em doutrina velha que, na verdade, faz parte das continuidades e descontinuidades inerentes a qualquer tradição gramatical.

¹¹ Ao tratar da morfologia, o autor refere-se também à “Etymologia”, a cujo propósito menciona a gramática de Soares Barbosa (1822).

¹² Foi publicada postumamente com a chancela da Academia Real das Ciências de Lisboa, da qual o autor era sócio. Teve edições até 1881, altura em que o método “científico” (Gonçalves, 2013) substituíra, no resto da Europa, a abordagem logicista da linguagem e das línguas.

O cotejo textual ilustra bem a relação entre a *Grammatica* da Biblioteca do Povo e das Escolas e a de Epifânio da Silva Dias, embora a conexão seja assistemática, consoante ilustram os exemplos abaixo.

A. Epifânio da Silva Dias ([1870] 1880) – « <i>Grammatica práctica</i> »	« <i>Grammatica Portuguesa (1882) da Biblioteca do Povo e das</i> » Escolas
Os sons elementares da lingoa portugueza	Os sons elementares
Ha monosyllabos que, em certos casos, se pronunção subordinados ao acento tónico de uma palavra precedente, v.g. entregavão-se-nos. As palavras que se pronunção d'este modo, chamão-se enclíticas.	(...) acontece [...] ás vezes, agremiarem-se dois monosyllabos, subordinados na pronuncia ao vocabulo que imediatamente os precede, como se realmente as três não tendessem a formar mais do que uma simples palavras (...). Enclíticas se chamam as palavras quando por esta fôrma se pronunciam (Fixavam-se-me; prenderam-se-lhe; estreitam-se-lhes; alargam-se-nos).
As palavras, segundo a sua natureza e o modo como exprimem as ideias, dividem-se em classes, chamadas partes da oração ou partes do discurso.	(...) em relação á sua natureza e papel que desempenham na linguagem, as palavras classificam-se em diversos grupos ou categorias a que se dá o nome de partes do discurso ou partes da oração.
Substantivos próprios – que dão a conhecer individualmente as pessoas e as cousas.	Substantivos propios dizem-se os que individualmente servem para nomear uma certa pessoa ou uma certa coisa.
Chamão-se pronomes pessoais os pronomes que designam as pessoas que representam no discurso.	Chamam-se pronomes pessoais os que indicam (...) as pessoas que gramaticalmente se consideram podendo figurar no discurso.

Quadro 5. Gramática de Silva Dias e *Grammatica Portuguesa* (1882) - cotejo

Para lá de questões atinentes à teoria gramatical e à metodologia didática da obra, atrás mencionadas, é de realçar o registo de aspetos do uso da língua. Veja-se, a título de exemplo, a nota relativa aos chamados participios abundantes: o verbo aceitar tem duas formas – “aceitado” e “aceito” –, sendo que atualmente a segunda prevalece no Brasil, mas “Também se usa a fôrma aceite”, forma que em Portugal se sobrepôs a “aceito”. Neste ponto, a observação do autor do opúsculo coincide com a de Epifânio da Silva Dias¹³, embora nenhum deles aponte regras para o uso das chamadas formas irregulares (“aceito” e “aceite”).

¹³ Numa observação, acrescenta Dias (1882: 67) que “Em logar de acceito acceita, diz-se tambem aceite”, denotando, portanto, que esta forma participial era mais recente na língua portuguesa do que as outras duas.

Para finalizar, e porque esta pequena gramática pretendia servir o povo de ambos os lados do Atlântico, sublinhe-se que esse objetivo não se traduz na explicitação de diferenças entre o Português Europeu e o Português Brasileiro, ainda que estas fossem então notórias e delas houvesse testemunhos em gramáticas portuguesas elaboradas nos inícios do século XIX, como a do já citado Soares Barbosa (1822: 51), autor que oferece exemplos da pronúncia brasileira e da colocação dos clíticos no Brasil. No entanto, na *Grammatica portugueza* (1882), a aproximação ao público brasileiro que também era destinatário da obra passava tão só pela inclusão de alguns exemplos relativos ao Brasil ou a realidades próprias do seu território, donde se infere que a obra veiculava uma norma claramente eurocêntrica.

4. Notas finais

As duas gramáticas publicadas em coleções de pendor divulgativo correspondem a uma dimensão mal conhecida e pouco estudada da Historiografia Linguística: a popularização da gramática ao serviço da instrução das classes populares. Por esse viés, tanto a gramática da Biblioteca Popular como a da Bibliotheca do Povo e das Escolas revelam a importância da gramática como instrumento integrado num programa social e institucional. Entre os aspetos ainda mal esclarecidos, valeria a pena estudar a gramática como objeto, meio e finalidade, isto é, como produto quer das ideias e doutrinas metalinguísticas, quer do contexto, envolvendo, portanto, fatores de vária ordem (tipo de escola, nível escolar, público-alvo, programas de ensino, por exemplo), elementos que, obviamente, não são irrelevantes numa Historiografia holística, por assim dizer, da gramática portuguesa e, por extensão, do ensino do português. Por outro lado, obras como a gramática da Biblioteca do Povo e das Escolas trazem à tona a concorrência entre modelos de descrição gramatical, comprovando a coexistência desses modelos na mesma obra.

A publicação de gramáticas em coleções de propaganda educativa, a preços acessíveis, visando a instrução das massas e a democratização do acesso à cultura, constitui, sem dúvida, um marco na história da gramaticografia portuguesa e, nessa perspetiva, não são obras “menores”. Contudo, tal como as gramáticas “maiores”, estas refletem a situação educativa do país, proporcionando elementos não só para a análise das continuidades e das ruturas na tradição gramatical, mas também para o conhecimento dos circuitos de difusão das novidades linguísticas. Daqui se infere que a gramática, entendida

como instrumento de explicitação/classificação das unidades da língua e da sua organização, deve ser estudada do ponto de vista intra e extragramatical.

No caso das gramáticas portuguesas publicadas em coleções populares, tanto ou mais que o conteúdo (i. e. conceitos, terminologia, classificações e exemplificação), o que as singulariza é o contexto de produção e a sua função social. Conquanto os elementos aqui aduzidos não visem esgotar a análise conteudística das duas obras em apreço, é claro que, atendendo ao ambiente sócio-cultural em que surgiram e às matérias nelas expostas, ambas são pertinentes na história da gramática portuguesa e, especificamente, numa história social e institucional da gramática, capítulo até agora descurado na Historiografia da Língua Portuguesa e para o qual se procurou contribuir.

Bibliografia

- Anónimo. 1871. *Grammatica portugueza*. Bibliotheca Popular. Lisboa: Editores-Proprietarios Lallemand Frères & Companhia.
- Anónimo. 1882. *Grammatica portugueza redigida ante o programma oficial dos exames d'instrucção primaria nos Lyceus Nacionaes*. Bibliotheca do Povo e das Escolas, Segundo Anno - Quinta Serie, nº 40. Lisboa/Rio de Janeiro: David Corazzi-Editor.
- Aranha, Brito. 1911. *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brazil, continuados e ampliados por [...] em virtude de contrato celebrado com o governo portuguez xx (13º do Supplemento)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Barbosa, Jerónimo Soares. 1822. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias.
- Beauzée, Nicolas. 1767. *Grammaire générale*. Paris: Barbou.
- Bonifácio, Victor. 2019. Um modelo para a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Em Andrade, Manuel Lopes & Carrington, Maria Cristina (coords.) *Do manuscrito ao livro impresso I*. Coimbra/Aveiro: Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidade de Aveiro, 313-339. doi: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1711-4-9>
- Boto, Carlota. 2012. *A escola primária como rito de passagem: ler, escrever contar e se comportar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0572-2>
- Cardoso, Simão (comp. e org.). 1994. *Historiografia gramatical (1500-1920)*. Série Línguas e Literaturas. Porto. Faculdade de Letras. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo7241.pdf>
- Chevalier, Jean-Claude. 1979. Analyse grammaticale et analyse logique, esquisse de la naissance d'un dispositif scolaire. *Langue Française* 41: 20-34.

- Chevalier, Jean-Claude. [1968] 2006. *Histoire de la syntaxe. Naissance de la notion de complément dans la grammaire française (1530-1750)*. Paris: Honoré Champion.
- Coelho, Francisco Adolfo. 1868. *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade. <http://purl.pt/141>
- Dias, A. Epifânio da Silva. [1870] 1880. *Grammatica portugueza para uso das aulas de instrucção primaria*. (3ª ed. revista). Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz–Editores.
- Domingos, Manuela D. 1985. *Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e leitores no séc. XIX*. Lisboa.
- Gonçalves, Maria Filomena. 2004. Notas sobre o positivismo linguístico em Portugal no século XIX: “Sobre a Lingua Portuguesa” (1871), de F. Adolfo Coelho. *Diacrítica - Ciências da Linguagem*, 18: 29-56.
- Gonçalves, Maria Filomena. 2012. Gramáticas do português na transição do século XIX para o século XX: a “gramática científica”. Em Cestero Mancera, A. M.; Molina Martos, I. & Paredes García, F. (eds.) *La lengua lugar de encuentro. Actas del XVI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. Alcalá de Henares: Servicios de Publicaciones, 2570-2580. <http://www.mundoalfal.org/alfal2011/index.html#/pdf/290alfal.pdf>
- Gonçalves, Maria Filomena. 2013. Sobre a projecção do método histórico-comparativo na gramática elementar portuguesa: a *Grammatica Portugueza Elementar, fundada sobre o methodo historico-comparativo* (1876). Em Casanova Herrero, Emili & Calvo Rigual, Cesáreo (eds.) *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas* (Valencia 2010) VII. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 561-571.
- Nabo, Olímpia de Jesus de B. Mourato. 2012. *Educação e difusão da ciência em Portugal A ‘Bibliotheca do Povo e das Escolas’ no Contexto das Edições Populares do Século XIX* (Tese de Mestrado). Portalegre: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8402/1/Ol%C3%ADmpia%20de%20Jesus%20de%20Bastos%20Mourato%20Nabo.pdf>
- Roboredo, Amaro. 1619. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa: Pedro Crasbeeck.
- Roboredo, Amaro de. 1623. *Porta de linguas ou modo muito accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe [...]*. Lisboa: Pedro Crasbeeck.
- Santos, Maria Helena Pessoa. 2010. *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de oitocentos*, 2 vols. Série Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Séguin, Jean-Pierre. 1993. *L'invention de la phrase au XVIII^e siècle*. Louvain/Paris: Peeters.

